

O Papel do Romantismo na Formação da cosmovisão da Direita Reacionária Brasileira:

O caso dos movimentos de ódio masculinistas ¹

The role of Romanticism in the formation of Brazilian Reactionary Right worldview:

The case of man’s right movement

Vinícius Machado Miguel ²

Resumo: O Romantismo atravessa o campo das humanidades como um todo, para além de uma corrente literária ele também aparece como um modo de pensar e uma ética que ajuda a explicar o século XIX, XX e XXI. O presente trabalho visa compreender como grupos de ódio ainda utilizam a performance do Gênio Romântico como estratégia para atrair uma juventude de classe-média. O trabalho apresenta uma análise de pensadores como Berlin (1999), Gay (1984), Campbell (2001) e Ricupero (2004) para demonstrar as bases teóricas que são acionadas através de determinadas formas enunciativas no podcast de direito dos homens chamado Redcast.

Palavras-Chave: Romantismo. Masculinismo. Discurso de ódio. Autenticidade. Antifeminismo.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, Democracia e Discurso Político da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense, Doutorando em Comunicação pela mesma Instituição. Membro do CoLAB

Abstract: *Romantic movement crosses the humanities as a whole, in addition to a literary current it also appears as a way of thinking and an ethics that helps to explain the 19th, 20th and 21st centuries. The present work aims to understand how hate groups still use the performance of the Romantic Genius as a strategy to attract middle-class youth. The work presents an analysis of thinkers such as Berlin (1999), Gay (1984), Campbell (2001) and Ricupero (2004) to demonstrate the theoretical bases that are triggered through certain enunciative forms in the men's rights podcast called Redcast.*

Keywords: *Romanticism. Manosphere. Hate speech. Authenticity. Antifeminism.*

1. Introdução

O Romantismo costuma ser reduzido ao movimento literário a um primeiro momento, obras como *O Guarani* (1857) ou *Iracema* (1865), que os brasileiros costumam aprender ensino médio, tendem a ser as primeiras acionadas no imaginário no brasileiro que estudou literatura. Embora essas obras sejam citadas como relativamente importantes na construção simbólica do nacionalismo brasileiro (RICUPERO, 2004) é de extrema importância olhar para o movimento com sua pluralidade e sua força na discussão política e como as consequências desse discurso criaram novas bases enunciativas pelas quais o discurso político está sendo.

Diversos autores já abordaram a maneira pela qual o Romantismo nasceu e foi reivindicado para explicar movimentos sociológicos importantes para a constituição da sociedade moderna. Campbell (2001), numa leitura Weberiana, defende que a ética romântica é tão importante para explicar a modernidade quanto a ética protestante. Berlin (1999) escreveu que determinado irracionalismo antiacadêmico e individualista estava diretamente ligado aos tipos de postura política dos sujeitos na Europa sendo tão parte da formação das discussões epistemológicas modernas quanto eram os iluministas. E Ricupero (2004) defende que antes de 1830 não tínhamos uma ideia de Nação e depois 1870 ele estava consideravelmente consolidado, muito pela ação dos próprios Românticos.

O objetivo desse trabalho é buscar os pontos de virada que foram necessários na formação de uma estrutura enunciativa que permite determinadas performances políticas. Ou seja, buscar através da formação história das leituras de nação do Brasil, das interpretações que foram feitas do país e das apropriações dos sujeitos políticos, hipóteses de como a direita reacionária e principalmente o masculinismo se tornaram possíveis.

A tese que aqui será defendida, é que existe um uso muito elaborado dos movimentos românticos tanto pela esquerda quanto pela direita, dessa forma, impossibilitando dizer que o movimento em si tinha qualquer forma de vínculo político. Afinal, teses já foram defendidas que ele serviu de base tanto para o fascismo quanto para os movimentos sociais do final do século XX nos EUA (BERLIN, 1999). No entanto, a direita parece ter se apropriado dessas performances de maneira mais eficiente nesse momento de neoreacionarismo.

O objetivo desse artigo é defender que existe um contínuo entre os movimentos políticos de formação de identidade nacional no século XIX, os nacionalismos progressistas em movimentos de luta contra a ditadura militar no final do século XX e a formação desses grupos de ódio contemporâneos que se apropriam de determinado imaginário Românticos de revolta e melancolia para construir uma cosmovisão e um sentimento coletivo de *Otherness*³. Que serve como um elemento unificador de tais sujeitos.

2. Romantismo no século XVIII como antagonismo do iluminismo

Nesse trabalho tomaremos os devidos cuidados metodológicos propostos por Bornheim (1959). O Romantismo, logo, não será trabalhado como um processo universal que justifica todas as revoltas em todos os lugares, mas sim como resultado de um desequilíbrio de poder simbólico do continente Europeu na época. Os pensadores franceses possuíam a hegemonia do pensamento intelectual, enquanto

³ Otherness pode ser definido como o afeto do sujeito que “se sente o Outro”.

aqueles que moravam no território onde hoje é a Alemanha precisavam de outras estratégias para se valorizar.

Desta forma, os Iluminismos que viria a se tornar o grande motor na revolução francesa no final do século, com seus ideários liberais e epistemológicos que provocavam o intelectual europeu do século XVIII a uma postura racionalista de mundo, passava então a ser enfrentado por esses teóricos Românticos que defendiam um determinado tipo de irracionalismo.

Berlin (1999) diz que as teses que unificavam o movimento Iluminista, apesar de sua heterogeneidade, eram principalmente três. 1) Todas as questões podem ser respondidas.; 2) elas podem ser respondidas através de um método que pode ser ensinado e aprendido.; 3) Essas respostas devem ser compatíveis entre si. Através dessas premissas, o autor diz que podemos compreender um novo tipo de racionalização e organização do mundo.

Politicamente, os intelectuais franceses estavam, através da reafirmação desse tipo de lógica, se colocando como os árbitros do conhecimento, da análise e dos métodos pelos quais as ideias deveriam ser organizadas. Logo, o Romantismo surge na Alemanha buscando criar um contraponto teórico a essas premissas, aceitando, por exemplo, que as emoções são bem-vindas na hora da formulação teórica e que um sujeito (ou um povo) pode buscar suas próprias verdades.

O Romântico entendia, inclusive, que existia mérito na integridade, sinceridade e principalmente da disposição do sacrifício pelo que se acredita. Esse sujeito é teorizado pela primeira vez por Diderot na sua obra *On Art: The Salon of 1765*:

Cuidado com aqueles cujos bolsos estão cheios de espírito - de inteligência - e que espalham essa inteligência em todas as oportunidades, em todos os lugares. Eles não têm nenhum demônio dentro deles, eles não são sombrios, ou melancólicos, ou silenciosos. Eles nunca são desajeitados ou tolos. [...] É então que o gênio pega sua lâmpada e a acende. E esse pássaro escuro, solitário, selvagem, essa criatura indomável, com sua plumagem melancólica e sombria, abre sua garganta e começa sua canção, faz os bosques ressoar

e quebra o silêncio e a escuridão da noite⁴. (DIDEROT apud. BERLIN, 1999. p. 52 tradução nossa)

Essa figura movida pelas emoções e com uma vontade inquebrável se torna popular e entra no imaginário até mesmo dos movimentos Iluministas. O tipo de paixão e determinação que vai permear os Romances e as reconstruções históricas das nações que vão surgir no século seguinte.

Já o cidadão comum, que não era nenhum grande ativista ou gênio, passa a nutrir um interesse muito específico na própria estimulação sensorial. Campbell(2001) coloca esse processo como necessário para que a publicação de Romances se torne uma atividade lucrativa. Porque a oferta de bens simbólicos se explica pelas revoluções industriais, mas o consumo delas se explica por um novo regime afetivo, ou seja, O Romantismo. Tese essa bastante detalhada nos livros de Peter Gay (1984) sobre a experiência burguesa.

3. Romantismo no século XIX como raiz do individualismo burguês e raiz dos movimentos antifeministas

Foi no século XIX em que o pensamento Romântico, de fato, está internalizado e instrumentalizado tanto pela burguesia⁵. Essa nova cultura burguesa que viria a ser o que nós conhecemos como classe média (GAY, 1984) se enxergava de maneira muito ambígua, às vezes se odiando, às vezes se amando, e particularmente interessada em se construir como sujeito político, incluindo a pedagogização de seus afetos.

⁴ Beware of those whose pockets are full of esprit - of wit - and who scatter this wit at every opportunity, everywhere. They have no demon within them, they are not gloomy, or sombre, or melancholy, or silent. They are never either awkward or foolish. The lark, the chaffinch, the linnet, the canary, they chirp and twitter all the livelong day, at sunset they fold their head under their wing, and lo! they are asleep. It is then that genius takes his lamp and lights it. And this dark, solitary, savage bird, this untamable creature, with its gloomy melancholy plumage, opens its throat and begins its song, makes the groves resound and breaks the silence and the darkness of the night.

⁵ Classe média, urbana, comercial.

Parto da premissa que a Londres Vitoriana, justamente por ter se tornando o centro comercial, cultural e referência de desenvolvimento no século XIX, tinha importância simbólica no mundo. E essa nova burguesia ascendente que se consolidava em um setor médio acabou se tornando referência para a construção das sociedades como as Brasileiras. Foi um dos planejamentos de D. João VI (e em um segundo momento de D. Pedro I) modernizar a capital e enfraquecer a elite agrária das capitanias do norte (neste período, a de Pernambuco e Baía), uma das estratégias para isso foi criar uma elite de Bacharéis formados da Europa e que tinham em seu arcabouço teórico as discussões acadêmicas do período (CARVALHO, 2012)

Nessa disputa entre os enunciadores Iluministas liberais da França e os antinacionalistas prussianos e austríacos, os Britânicos e Estadunidenses escolheram os dois. Desde o início do século XIX já era possível encontrar em Washington membros da elite que deixavam suas filhas se casarem por suas próprias escolhas, mas em Londres a regra ainda era a escolha paterna (GAY, 1984). O que importa, é que essa nova classe-média cresce nesse conflito.

Ao mesmo tempo que os vitorianos nunca foram liberais o suficiente para se revoltar contra a rainha Vitória, suas produções artísticas e intelectuais passaram a ter um tipo de fascinação com um sentimento de “não conformidade” (Ibid., 2015). A libertinagem de Byron, por exemplo, instigava as pessoas e gerava toda uma curiosidade sobre os detalhes da vida pessoal do autor, apontando também uma proto cultura das celebridades (MOLE, 2007).

Para além disso, o século XIX marca uma luta emancipatória dos movimentos feministas principalmente com demandas pela participação no ensino superior e pelo direito ao sufrágio. Enquanto essas mulheres disputavam causas legítimas, uma parcela dos homens começa a criar enunciados antifeministas. Uma característica importante desses textos, é que nem sempre visavam racionalmente discutir esses direitos que as mulheres almejavam, pelo contrário, pareciam se vincular ao imaginário do gênio Romântico.

Enquanto mesmo homens que não acreditavam nos ideais Feministas, ainda assim se moviam para abrir espaço para mulheres votarem, estudar no ensino superior e se divorciarem de maneiras mais igualitárias (GAY, 1984), os antifeministas se entregavam em uma melancolia nostálgica com tons bastante paranoicos. Esses autores se diziam capazes de ver algo que os liberais e as feministas não seriam capazes, "a verdadeira natureza" da humanidade e principalmente das relações de gênero⁶.

Parte dos antifeministas não pareciam ter muito apressa a forma ou a poética, estavam simplesmente interessados a encher a esfera pública de preconceitos de gênero que nós trazemos até hoje. Como, por exemplo, que as ativistas eram incapazes de conseguir ou manter casamentos, que eram pessoas intelectualmente incapazes ou que estavam sendo desonestas com suas demandas injustas.

No entanto, um tipo de narrativa mais lúdica e Romantizada passa a ser produzida. Sendo publicada principalmente na França, mas aterrorizando todo o debate, a imagem de mulheres como vampiras e homens como vítimas passam a se popularizar. Que o ideal de mulher doméstica deveria ser mantido justamente pelo perigo que uma sociedade que liberasse essas "criaturas perigosas" deveriam produzir. Como Gay (1984) resume:

Tais mulheres atraem os homens para um sofrimento apaixonado e talvez uma morte precoce. Em *La Colere de Samson*, um poema pessoal mal-humorado, a maioria dessas invenções alude a profundas perdas privadas, Alfred de Vigny generaliza esse tipo fatal ao descrever a guerra entre os sexos como interminável, com o homem sempre vítima da mulher: "Mais ou menos, " ele conclui, não sem algum prazer, parece, "a mulher é sempre Dalila." Amiel tinha chegado à mesma conclusão nervosa: "Como Dalila", disse ele ao seu diário, as mulheres "apenas enredam o homem de coração terno para arrebatá-lo seus poderes", e ele advertiu o homem a fechar os ouvidos para cantos sedutores, para guardar seu coração: "Cuidado! (Ibid. 202 tradução nossa)

⁶ Que são, segundo Berlin (1999) características definidoras do movimento Romântico.

E não apenas na França, pois nesse imaginário antifeminista que se aproveitam da produção literária e utilizavam de imagens poéticas mitológicas e históricas:

Estes escritores e pintores descobriram Dalilas em muitas mulheres. Nas histórias de Dostoiévski, a fêmea fatal⁷ é uma virgem manipuladora atormentada por necessidades contraditórias e paixões intoleráveis que arrasta os homens para o abismo; nas histórias de Pushkin e Gautier, Cleópatra, aquela rainha irresistível e cruel, aparece como uma ninfomaníaca real que se prostitui para os homens apenas para ordená-los mortos na manhã depois de terem desfrutado dela. [...] Em tal companhia, Eva, que seduziu o homem ao pecado, e Helena, cuja beleza causou a morte de incontáveis heróis viris, quase pálidas em comparação. No entanto, eles também são vasos de maldade: Franz von Stuck, um célebre pintor alemão na virada do século, pintou Eva várias vezes, completa com seu emblema, a cobra, e, para que ninguém perca a mensagem, escreveu a pintura em grandes letras, "Pecado." (Ibid., p.203 tradução nossa)⁸

Esses Românticos encheram o imaginário de figuras que seriam apropriadas dos antifeministas contemporâneos até os de hoje. Dando muito repertório para o misógino comum, vários desses ainda são bastante utilizados no século XXI como veremos mais no final do artigo. No entanto, para fins desse trabalho, a formação dos Estados Nação no século XIX, principalmente o caso Brasileiro. Pois, acredito, que as bases europeias já foram suficientemente trabalhadas.

⁷ No original Fatal Female. Não confundir com o outro arquétipo Femme fatale.

⁸ Gay continua citando outros exemplos da maneira que esse antifeminismo do século XIX preenche o imaginário vitoriano. Para mais informações o capítulo 2: Offensive Woman e Defensive Men, do primeiro volume da coleção The Bourgeois Experience Victoria do Freud Man é central para compreensão do assunto.

4. Romantismo no século XIX no Brasil como origem dos nacionalismos

Os nacionalismos na Europa passaram por um processo específico deles, ligados principalmente aos conflitos internos entre os vizinhos europeus, principalmente com a tentativa de manter um equilíbrio de poder que norteou as relações internacionais europeias no século XVIII e XIX. Segundo Berlin (1999), nasce em Herder a crença que cada povo tinha seu próprio espírito, que as diferenças e particularidades eram muito mais importantes que as similaridades. E em outro momento, na obra de Fichte, a tentativa de acordar a alma alemã que havia sido esmagado por Napoleão. Esses processos somados pelos autores Românticos, fizeram os Europeus passarem o final do século XVIII e o início do XX se perguntando: “Quem somos nós em relação aos outros?”.

No Brasil essa questão também aparece, mas a partir de outros problemas. O século XIX brasileiro se constrói entre um processo de descentralização (que muitos temiam que poderia fazer o território se fragmentar em vários países, como havia acontecido após as estabilidades das antigas colônias espanholas) e centralização (que era mal vista pelos liberais, pois concentrava o poder nas mãos do imperador) (CARVALHO, 2012). Esse medo da fragmentação do território, foi um dos nortes para a tentativa de criar uma identidade brasileira.

Principalmente em 1831 quando D. Pedro I primeiro abdica em nome de seu filho e vai para Portugal, a dificuldade de centralizar o poder gerou uma série de insurreições, em boa parte dos territórios brasileiros. Naquele momento, o Rio de Janeiro reprime as revoltas com mão firme, mas apenas o uso da força não seria o suficiente para que as províncias ao Norte (Pernambuco, Pará, Bahia e Minas Gerais) e as do Sul (Rio Grande do Sul) se enxergassem como uma nação. Os revoltosos consideravam, com motivo, a coroa como portuguesa, e percebiam que os interesses deles estavam em conflito com o do império.

Ricupero (2004) aponta os anos de 1830 até 1870 como necessários na formação do Brasil. Com os conservadores (saquaremas) com hegemonia de poder

1834 -1850 (CARVALHO, 2012) poucas eram as vozes que buscavam defender a abolição. Logo, quanto as primeiras narrativas que buscavam pensar a questão nacional, temos um tipo específico de leitura racial que foi a que formou a ideia de nação no Brasil.

Segundo Ricupero(2004) , tanto liberais quanto conservadores eram românticos e tinham como principal prioridade a manutenção da união. E a maior parte dos autores que foram identificados com essa escola eram portadores de altos cargos na administração pública do império, muitos deles eram Diplomatas, e viam a necessidade de adequar o Brasil no contexto internacional da formação de uma ideia de nação.

Da década de 30 até a década de 70, o Brasil precisava buscar uma nova forma de dialogar com o tempo capitalista. Isso incluía o “Fardo do Homem Branco” em que os europeus buscavam justificativas para a criação de nações sem que o passado sanguíneo fosse a primeira coisa a ser lembrada. Logo, os critérios que definiriam o que era civilizado ou não, era a possibilidade de entrar na economia capitalista⁹ e supremacia da razão instrumental.

Para além disso, é importante pensar que o “homem branco” no caso, não é o português ou o espanhol. Existia nas primeiras escolas de nacionalismos românticos um certo ressentimento da herança Ibérica, que se manifestava através de um proto-americanismo. Seria uma crença de que essas nações estariam escritas no passado, e se materializariam através delas.

Esse plano precisaria surgir junto com um ideário de povo soberano, uma sociedade que existiria para além de qualquer dinastia. Ou seja, era necessário criar um povo brasileiro de maneira discursiva. Que seria único, diferente de todos os

⁹ Ainda segundo o autor, o Romantismo europeu desconfia da industrialização e protesta contra o capitalismo. Pois ele parte de uma sociedade que está sofrendo com essas mudanças. Na América Latina, pelo menos Brasil e Argentina, a industrialização do país e o crescimento da importância deles na economia mundial eram fatores centrais.

outros e ainda possuiriam as qualidades civilizacionais ditas acima. Seríamos, então, a promessa de civilização do “novo mundo”.

Um segundo fator central para a formação da identidade no século XIX foi a guerra do Paraguai¹⁰, principalmente pelo sentimento de patriotismo que pode ser notado pela positivação dos signos nacionais como a bandeira e o hino. O imperador conseguiu aproveitar dessa oportunidade e se torna também um símbolo nacional, aproveitando da situação para se colocar num papel de moderador dos conflitos internos do Brasil. Inclusive, os cartunistas passaram a o representar como o chefe indígena, personagem representante da brasilidade romântica.

Essas leituras Românticas do Brasil depois, ganham corpo nos textos de Roberto Freyre Casa Grande e Senzala (1933:2005) e Sobrados e Mucambos (1936:2006), que agora coloca o negro como sujeito participante da formação cultural brasileira. E também construindo teses que ajudaram a combater os determinismos no século XIX¹¹. O Brasil seria então: 1) Um país forte por ser mestiço.;2) Forte por ser tropical.; 3) E talvez o aspecto mais polêmico de suas obras do início do século,

¹⁰ [...] a guerra constituiu poderoso fator de formação da identidade nacional brasileira. [...]. A guerra contra o Paraguai também se deu na região Sul, mas teve característica muito distinta. Pela duração e pela quantidade de tropas envolvidas, adquiriu dimensão nacional. Os 139 mil soldados brasileiros que lutaram no Paraguai provinham de todas as províncias do país, embora predominassem os rio grandenses. Desses, 50 mil eram voluntários. Pela primeira vez, brasileiros do Norte tinham convivido com compatriotas do Sul e vice-versa. O inimigo era claramente identificado, ele invadira duas províncias brasileiras e era ut usado de cometer atrocidades contra homens e mulheres (CARVALHO, 2012, p.109,110)

¹¹ “A partir dos anos 1870, invadiram o país as grandes filosofias deterministas da história, típicas do século. Destacaram-se o positivismo de Auguste Comte (1798-1857). o evolucionismo de Herbert Spencer (1820-1903), o biologismo de Ernst Haeckel (1834-1919), a antropogeografia de Friedrich Ratzel (1844-1904), o racismo de Arthur de Gobineau (1816-1882). [...] O único determinismo oitocentista que não chegou ao Brasil na época foi o econômico de Karl Marx (1818-1883).” (CARVALHO, 2012, p.32,34)

seria forte por seu colonizador português. Essas teses, se tornam norte para o chamado “pensamento social brasileiro”, e que no Estado Novo ganha corpo na influência que Oliveira Viana tinha com Getúlio Vargas.

5. O Romantismo Revolucionário Brasileiro

O antifeminismo que surgiu no século XIX, tem suas primeiras vozes no Brasil no século XX, pelo menos daquilo que foi registrado em tirinhas de jornais. Os primeiros enunciados publicados se deram pelas revistas humorísticas no século XX, como resistência das demandas sufragistas e feministas. Se utilizavam de ridicularização e hipérboles desonestas para representar as demandas feministas de maneira injusta. (MOREIRA,2021)

No entanto, o final do século XX nas lutas contra a ditadura brasileira através dos enunciados artísticos que alguns sujeitos aparecem com o Romantismo de volta. Os sujeitos que, como descrevia Berlin (1999), estavam dispostos a dar sua vida por um ideal assaltavam bancos, atacavam militares, com seu certo grão de boemia e mistério que só se revelaria para aquelas pessoas que soubessem entender o tamanho da violência de uma ditadura militar que censurava amplamente os meios de comunicação.

Os Românticos sobrevivem no modernismo (GAY, 2015) e depois no existencialismo (BERLIN, 1999) e segundo Clemente (2010) formam um novo romantismo-revolucionário brasileiro que buscava redefinir a identidade nacional daquilo que havia sido feito até o momento. A luta revolucionária anticapitalista aparece como uma das bandeiras que também envolviam liberdade artística, democracia direta entre outras coisas.

Eventualmente, com a redemocratização, que acontecia por razões diversas, por interesses dos mais variados setores da sociedade civil que acreditavam que poderiam se beneficiar do estabelecimento de uma democracia direta, o Brasil passa a viver pela primeira vez em sua história uma república democrática. E, como consequência, muitos daqueles que tinham sido exilados durante o período ditatorial voltaram para o país dispostos a escrever a sua história.

Muitos professores, intelectuais e artistas ajudaram a narrar a ditadura como um regime violento e autoritário (como de fato foi) tanto nos livros didáticos, nos filmes e a cultura política que surge, em sua maioria, busca se distanciar do autoritarismo da ditadura para se aproximar de algumas formas de liberalismo. Ou seja, a luta pelas eleições diretas, a constituição de 1984 e aqueles que se sacrificaram por elas se estabelecem como um mito fundador da democracia brasileira.

Nas interpretações do Brasil, um livro se destaca por seguir em grande parte o pensamento de Freyre, mas com mudanças suficientes para se adequar ao contexto histórico democrático: O Povo Brasileiro (1995:2013) publicado por Darcy Ribeiro. Darcy apenas elogia as elites imperiais apenas pela capacidade de manter o país unido durante o século XIX, de resto escreve uma carta de amor a toda diversidade cultural que o Brasil apresentava. Sonhava com uma Roma Tropical, mestiça e de um povo que aprenderia e se desenvolveria de um jeito brasileiro.

6 . As (falsas) equivalências do Romantismo Reacionário

Finalmente chegando ao século XXI, gostaria de relembrar os pontos previamente explicados em que o Romantismo lido como ciência social ajuda a construir a história do país. 1) Como formação de uma nação, baseada na mistura de raças entre o descendente de português e o índio se enquadrando no mito do “bom selvagem”. 2) A formação da identidade social de Gilberto Freyre, que na era Vargas se mantém vivo no pensamento de Oliveira Viana.; 3) Durante a ditadura, com os revolucionários, artistas e teóricos modernos evocando o imaginário Romântico clássico, do herói contra a sociedade corrupta.

Agora, ao falar da contemporaneidade, parto do princípio que os Governos do PT (Partido dos Trabalhadores) geram um profundo incomodo na classe média. Ao teorizar a formação da nova direita, Pinto Neto (2021) teoriza o surgimento dos bolsonarismos está ligado a uma

“A combinação entre a crise no governo petista de Dilma Rousseff e a ascensão de movimentos de viés liberal ou conservador, o crescimento de youtubers extremistas, a radicalização política entre o empresariado urbano

e rural, a ininterrupta expansão de igrejas neopentecostais e os efeitos antipolíticos da Operação Lava-Jato, somados a acontecimentos específicos como o protesto contra a exposição Queermuseu, no Santander Cultural de Porto Alegre, e a greve dos caminhoneiros, impulsionaram um amplo movimento de restauração na sociedade brasileira próximo ao que teóricos norte-americanos chamam de backlash cultural.” (Ibid, p.360)

Esse tipo de leitura explica bem o que se convencionou chamar de nova classe média, no entanto, embora eles sejam importantes fatores no bolsonarismo, a mim me interessa observar aqueles sujeitos que já vinham de uma classe média mais solidificada ou que possuem ambições de fazer parte dela. Afinal, nos movimentos antifeministas existe uma clara tentativa de distinção por Capital Cultural (BOURDIEU, 2007). E para isso, precisamos compreender quem são e como funcionam esses grupos. E como funciona afetivamente esses processos de formação desses sujeitos principalmente porque eles parecem mais emocionais que racionais.

A extrema direita¹² como surge no século XXI, passou pelos processos de individualismo neoliberal que as fizeram acreditar que as estruturas sociais são quase imaginárias perante o indivíduo. Esse é um discurso muito preso na maneira pela qual a autoajuda e o discurso de aconselhamento constroem um sujeito que é livre desde que ele consiga, através do mérito, conquistar a vida que queria.

Para o sujeito das últimas décadas do século XX e a primeira do século XXI, pelo completo atravessamento da cultura terapêutica (Illouz, 2018), tudo era possível. No sentido que livros de autoajuda que prometiam riqueza, saúde, amor e felicidade estavam bombando e não foram poucos os autores que enriqueceram oferecendo formulas generalistas e de fácil compreensão para esses sujeitos.

Ao pensar os movimentos feministas, a autoajuda de “sedução” sem medo de serem misóginas o que foram chamadas dos de P.U.A (Pick Up Artists). Um tipo de figura bastante peculiar se torna famosa nesses meios, o “guru” do sexo. Esses

¹² Mas não só elas, as esquerdas e os centros também passaram, mas se desenvolveram de maneira diferente.

homens, na maior parte das vezes, possuía um discurso muito próximo da retórica empreendedora. Ele precisava, primeiro, falar que todas as antigas maneiras de se aproximar das mulheres estavam erradas, e segundo, propor novas maneiras. (BRATICH;BANET-WEISER, 2019)

Neste momento, esses guru's de sedução, bebem muito de leituras do determinismo biológico que era comum na psicologia evolutiva. Não seres humanos que foram formados pela cultura, mas existiam machos e fêmeas que foram, de uma forma ou de outra, tolhidos pela sociedade. No entanto, na visão desses gurus, o instinto primordial de reprodução ainda seria o Norte pela qual esses sujeitos se guiariam.

Além de uma explicação fácil e básica pautada a psicologia evolucionista (MCKINNON, 2012; RUTI, 2015), as fantasias de ter qualquer mulher dos sonhos ao seu alcance e o sonho da riqueza através do empreendedorismo que abriria todas as portas possíveis (CASTELLANO, 2018) ou carreiras nas áreas STEM (Science, Technology, Engineering and Mathematics). Esse é o sujeito de classe média consumidor dessa cultura que surge em um momento, no Brasil, de vasta expansão econômica.

Esses jovens de classe média que veem o Brasil crescendo e a geração imediatamente mais velha conseguindo comprar imóveis e conhecer o exterior, também sentem um ressentimento específico com algumas das políticas mais polêmicas do governo do PT. A maior parte das revoltas, voltadas aos programas de distribuição de renda, que gerava um incomodo nos afetos do sujeito neoliberal, afinal, na leitura deles, a pobreza só existe por falta de esforço/conhecimento do pobre.

No entanto, o final da primeira década do século XXI e a segunda década começam com a crise internacional de 2008, que mesmo os planos já pouco palpáveis de “enriquecimento fácil” da autoajuda empreendedora se tornaram absolutamente longe de possibilidades concretas. Uma série de outras medidas polêmicas do PT foram aprovadas, com ênfase para a PEC das Domésticas (PEC 66/2012) e a Lei de Cotas (Lei 12.711) (MELO; VAZ, 2019).

Logo, o jovem branco de classe média, que já via suas possibilidades de emancipação saindo pelos dedos, se viam “perdendo um espaço” que historicamente era ocupado por eles nas universidades e, para piorar, muitas das “técnicas de sedução” que surgiam eram consideradas (com razão) assédio. Como resposta, os movimentos feministas contemporâneos das redes sociais se organizaram de maneira bastante eficiente para garantir que mulheres tivessem informações que as protegessem desse tipo de aproximação.

Estavam colocadas as bases afetivas para que o homem branco de classe média se sentisse vítima. E, ao se sentirem assim, os enunciados de *Underdog* da cultura de massas passaram a fazer parte do imaginário desse grupo. Se sentem perseguidos pelo Estado, pelas medidas de ações afirmativas e leis contra assédio e violência doméstica. Veem, que seus discursos antifeministas passam ao longo do tempo a ser banidos das redes sociais pelas regras contra discurso de ódio.

Illouz (2008) descreve como o poder da vítima passa e ter um significado político nas sociedades adeptas do multiculturalismo. E, nesse momento, que entra o Romantismo dos movimentos antifeministas. Essa frustração se torna ressentimento e que faz esse sujeitos se identificarem com heróis românticos, desses que inundam os protagonistas hollywoodianos, passam a se ler como vítimas. Aqueles que foram injustiçados por não conseguir cumprir os sonhos irrealizáveis prometidos pela cultura da autoajuda.

Importa pouco se faz sentido material ou se tem qualquer vínculo com a realidade, mas os masculinistas passavam a recriar o imaginário romântico também em suas ações, se colocando como detentores de uma verdade oculta que o Estado e a “sociedade corrupta” tenta esconder. Para esses grupos específico, as feministas se tornam o bode expiatório para todos os problemas causados pelas crises sistemas do capitalismo financeiro internacional e dos déficits afetivos do neoliberalismo.

A nostalgia dos Românticos aparece com a impossibilidade de viver os modelos de afeto de uma mítica “família tradicional”. Principalmente porque a posição do patriarca que arca com todas as contas da casa não é mais possível, o Brasil começa

a ter uma legislação incipiente para lidar com conflitos de violência física e psicológica contra a mulher e os próprios desenvolvimentos do neoliberalismo fazem que a capacidade de manter vínculos de longo prazo dos sujeitos seja bastante limitada. (BAUMAN, 2001; ILLOUZ, 2008).

O nacionalismo mestiço do século XIX e do XX, pautado pelo mito da democracia racial, entra em conflito com a aprovação das ações afirmativas nas universidades e as medidas de distribuição de renda. Esses processos são vistos por essa demografia como uma maneira de retirar as vantagens que eles tinham adquirido por ter estudado em colégios particulares e não ter precisado trabalhar em nenhum momento da sua infância. Logo, com muito esforço e muitas distorções, a narrativa que o “verdadeiro brasil”, está sendo destruído pela esquerda se junta com todo ressentimento ao bode expiatório que eles escolheram: as mulheres feministas.

Esse ressentimento se torna uma dor compartilhada, uma explicação para todas as frustrações políticas, interpessoais e econômicas. Um grupo de apoio, em que esses sujeitos podem viver essa fantasia em que o mundo todo está contra eles, e que apenas alguns grupos de eleitos conseguiriam compreender os seus ideais. Logo, na lógica do Romantismo, essa interpretação precisa ser espalhada a qualquer custo. Os seus influenciadores se vendem como mártires de uma verdade oculta que estão correndo riscos por se posicionarem daquela maneira.

E o maior problema é: Da maneira que nós fomos pedagogizados a consumir cultura de massa que possui em sua formação histórica a reutilização de temas românticos, esse tipo de narrativa acaba sendo muito bem recebido por determinados setores da população masculina de classe média ressentida e frustrada com as próprias questões da vida. Mas, que ao encontrarem esses sujeitos, recebem uma cosmovisão misógina e reacionária que explicará não apenas as relações entre gênero, mas todas as frustrações causadas pelo neoliberalismo.

5. Conclusão

O influenciador masculinista é valorizado pelo interlocutor romântico. Ele aparece no contexto de um “medo do cancelamento”, uma suposta sociedade que

censura homens e qualquer coisa que foge de uma “ditadura de esquerda”. Segundo Berlin, os valores que os Românticos buscam são “integridade, sinceridade e a prontidão para sacrificar a própria vida para uma luz interna, dedicação para algum ideal” (BERLIN, 1999, p.8)

A extrema direita teve sucesso em criar a ilusão de que se posicionar contra os movimentos sociais progressistas é uma atitude de revolta. É como se a mesma chama que queimasse nos jovens que queriam eleições diretas nos anos 80, tivesse agora nesses defensores dos valores antifeministas. Houve essa construção enunciativa do lugar da vítima, em um contexto histórico e social que esse papel fazia sentido, e agora ele lugar foi cooptado pela direita reacionária.

A questão do nacionalismo aparece sempre como plano de fundo dos discursos de ódio da extrema-direita. Quase como se fosse pressuposto que “o Brasil poderia ser bom, mas nós estamos nos deixando levar por essas ideias progressistas que são contra a liberdade e a meritocracia”. Nesse momento o ódio pelo feminismo se estende ao Estado, qualquer medida que visa diminuir a desigualdade e aos movimentos anticapitalistas em geral. Não podemos ter certeza se isso tem a ver com o eco do Romantismo de meados do século XIX que, em sua versão latino-americana, colocava a entrada no mercado global através do desenvolvimento capitalista como signo de identidade nacional. Mas parece haver alguma continuidade.

Talvez a maior preocupação desses grupos é que parte dos interlocutores são jovens que estão tendo sua primeira formação política através desse tipo de sujeito. E criam suas bases epistemológicas. A cultura da autoajuda se apresenta como um lugar bastante adequado para o discurso de ódio, pois tudo que alguém precisa fazer é performar como um enunciador adequado de forma convincente, independentemente de qualquer materialidade do conhecimento ou mérito. E nesses espaços, conseguem vender a fantasia que são de alguma forma intelectualizados e,

assim, produzem inventam um inimigo imaginário (as pessoas que ascenderam pelo multiculturalismo¹³) e se colocam como revolucionários.

É difícil saber se esses enunciados surgem da falta de conhecimento da classe média dos problemas concretos do país ou pela indiferença afetiva ao sofrimento alheio e a desigualdade. O que podemos saber é que desde que existe a ideia de nação no Brasil, temos sujeitos que são sensorialmente acostumados a viver com grandes quantidades de sofrimento alheio e acreditar que essas coisas são normais. Ao meu ver, só assim, podemos explicar movimentos vitimistas vindo de setores da classe média.

Referências

- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- BERLIN, Isaiah. The Magus of the North: Hamann and the Origins of Modern Irrationalism, John Murray Publishers, 1993
- _____, The Roots of Romanticism, Nova Jersey, Princeton University Press, 1999.
- BORNHEIM, Gerd. Aspectos filosóficos do romantismo. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959
- BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007
- BRATICH, Jack; BANET-WEISER, Sarah. From Pick-up Artists to Incels: Con(fidence) Games, Networked Misogyny, and the Failure of Neoliberalism. International Journal of Communication, 13, 5003-5027, 2019.
- BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.
- CAMPBELL, C. A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno. Rocco, 2001.
- CARVALHO, José Murilo. A vida política. In: ____, (org.) História do Brasil Nação 1808-2010. Vol. 2. São Paulo: Fundação MAPFRE-Objetiva, 2012.
- CASTELLANO, Mayka. Vencedores e fracassados: o imperativo do sucesso na literatura da autoajuda. Curitiba: Appris, 2018.
- CLEMENTE, Rafael Willian. Eram os Revolucionários Românticos? O Romantismo

¹³ Segundo Brown (2019) no caso estadunidense pensando os trompistas.

Revolucionário em meio à arte engajada no período pós-1964. Cadernos UniFOA. Volta Redonda, Ano V, n. 13, agosto 2010. Disponível em: <<http://www.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/13/77.pdf>>

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo, Ed. Global, 2005.

_____. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano e formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo, Ed. Global, 2006.

FUREDI, F. Therapy culture. Cultivating vulnerability in an uncertain age. Londres: Routledge, 2004.

GAY, Peter. The Borgeois Experience: Vitoria to Freud Vol 1: Education of the Senses. Oxford University Press, Nova Iorque, 1984.

_____. Why the romantics matters. Yale University Press, Connecticut, 2015

ILLOUZ, Eva. Saving the modern soul: therapy, emotions, and the culture of self-help. Berkeley: University of California Press, 2008.

McKINNON, Susan. Neo-Liberal Genetics: The myth and moral tales of evolutionary psychology, Prickly Paradigm Press, Chicago, 2012.

MELO, C.T., VAZ, P. – Guerras Culturais: conceito e trajetória. Revista ECO-Pós, v.24,n.2, 2021
Link: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27791/15215

MOLE, Tom. Byron's romantic celebrity: industrial culture and the hermeneutic of intimacy. Basingstoke: Palgrave. Introduction, p. 1-27, 2007.

MOREIRA, T. B. R. O (anti)feminismo nas representações da virilidade na imprensa ilustrada humorística (Brasil e Argentina, 1904-1918). Revista Eletrônica da ANPHLAC, [S. l.], v. 21, n. 31, p.257–292, 2021. DOI: 10.46752/anphlac.31.2021.3951. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/3951>.

PINTO NETO, M. Mundos em colisão: das Guerras Culturais às Zonas Críticas. Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 358–385, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27684. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27684. Acesso em: 27 mar. 2023.

RICUPERO, Bernardo. O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870). São Paulo, Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, D. O Povo Brasileiro: A formação e o Sentido do Brasil, Global Editora, Rio de Janeiro, 2023

RUTI, Mari. The Age of Scientific Sexism: how evolutionary psychology promotes gender profiling and fans the battle of the sexes. Bloomsbury, London, 2015.